

Comemorar os 200 anos com a **Exposição de Pintura Portuguesa – Bicentenário do Ministério das Finanças** é, de algum modo, corresponder ao compromisso que a todos cumpre de dar à Arte o seu lugar. Cumprimo-lo com satisfação.

Agradecemos às instituições que aceitaram o convite para patrocinar o nosso projecto. Assim evitamos fazer mais despesa pública e, ao mesmo tempo, incrementamos o património da Fazenda – o que, nesta Casa, não fica mal em quaisquer circunstâncias.

Saudamos a participação dos Artistas representados. E, através deles, prestamos a nossa homenagem a todos os que ficaram ausentes e tinham indiscutível mérito para figurar na escolha.

Àqueles que nos visitaram e da produção artística portuguesa desfrutarem desta mostra, desejamos que levem do Ministério das Finanças uma imagem diferente.

Não é que, nas Finanças, possamos dizer, na linha do que Eça escreveu, *a Arte é tudo, tudo o resto é nada, só a Arte é capaz de fazer a eternidade de um povo*.

Mas quase o diríamos. Um *quase* que, todavia, por força das realidades que nos cercam, tem de ser, talvez, demasiado longínquo – frequentemente nos colocando naquilo que parece ser as costas voltadas para a Cultura.

Ou antes, temperando a utopia, e como, por certo, também diria há duzentos anos um atento e venerando antecessor, *há tanta coisa por fazer, é tão curto o reinado e são tão parcias as finanças do reino...*

Grato pelos parabéns, em nome de todos os que trabalham no Ministério das Finanças,

Miguel Cadilhe

Lisboa, 15 de Dezembro de 1988.